

A Marcha da Humanidade

Tudo é fecundo, excepto o bom senso. O propheta, o apóstolo, o poeta dos primeiros tempos passariam por luncos no meio da moderna mediocridade em que se encontrou a vida humana. Quando um homem deturpa a luctymas, sem causa apparente, quando chorou sobre a dor universal, quando o com um riso longo e mysterioso, mettem-no em um hospital de doidos, porque elle não engrandea seu pensamento em nossos muelles habitudes. E em pergunta vos entretanto se este homem não está muito mais perto de Deus do que um burgoezinho muito positivo, bem accommodado na fucuda de sua loja. Como é tocante este costume da India e da Arabia: o louco honrado como um favorito de Deus, como um homem que vê no mundo de além! O suh e o corybanto julgavam, perturbando a razão, tocar a divindade; o instincto dos diferentes povos pedio revelações no estado sagrado do sonho.

Os prophetas e os inspirados das edificações antigas tornam-se do classificados por nossos medicos na categoria dos alienados. Tanto é exacto que uma linha melleosa separa o exercicio exorbitante das faculdades humanas e que ellas percorrem uma grande seriação de que so o meio é attingivel. Um mesmo instincto, aqui o normal, allí o pervertido, inspirou bante e o marquez de Sade. A manir das religiões vio seu berço assignalado pelos factos do mais puro enthusiasmo e

por força de convulsivados taes que hoje apenas se ve semelhante entre os sectarios os mais exaltados.

E' preciso, pois, resignação: as bellas coisas nascem nas luctymas; não é compear muito com a belleza comparar a custa da dor. A nova fe so nasceu sob terríveis tempestades, e quando o espirito humano houver sido castigado, macerado, se assim he posso exprimir, por acatamentos ate hoje desconhecidos. O sofrimento foi para o homem a auctoridade e a reveladora das grandes coisas. A ordem e um fim, não um começo. Isso é tão verdade que as religiões produziram seus mais bellos fructos, antes de se tornarem demasiado officinaes. Uma instituição so tem sua força, quando elle responde a necessidade verdadeira e actualmente sentida que a fez estabelecer. No primeiro momento ella é um apparatus imperfecto, e imagina-se facilmente que, quando vier o periodo da calma e da organisação pacifica, ella produzira maravilhas. Erro; os pequenos aperfeiçoamentos estingam a obra; a força intuitiva desapparece; tudo se petrifica. Os regulamentos officinaes não dão a vida e em de miuha parte estão convencido de que uma educação, como a nossa, terá sempre os defectos que se lhe expõem, o mecanicismo, o artificial.

A pretensão da regulamentação é supprir a alma, é fazer com homens sem deliciação e moral o que se fazia com homens deheados e religiosos; tentativa impossivel; ninguém simula a vida; todagens por mais bem combinadas que sejam nunca produzirão senão um automato. Este mal não se corrige com regula-

ções, porque o mal é precisamente o proprio regulamento. A regra bem existia na origem, mas verificada pelo espirito, pouco mais ou menos, como as cerimoniaes christãs tornadas pura serie de movimentos regulares, eram na origem veridicas e sincerias.

A pintura produziu obras primas, antes que houvesse exposições annuaes; ella produzira mais bellas, quando houver exposições; os homens de letras e os artistas não gozavam, no XVII e no XVIII seculos, da dignidade conveniente; logo produzirão muito mais, quando tiverem conquistado o lugar que lhes é devido. Conclusões erroneas; porque ellas supõem que a regulamentação das condições exteriores da produção intellectual e favoravel a esta produção, enquanto esta produção depende unicamente da abundancia da seiva humana e viva da humanidade.

Alguem dizia fallando da quietude beata em que vivia a Austria antes de 1848: «Que quereis? São gentes que tem a talice de ser felizes.» Isso não é bem exacto: ser feliz não é coisa vulgar; so as bellas almas o sabem ser. Mas estar na futura é com effeito um desejo do ultimo burgoez.

Logo que um paz se acuta, nos consideramos seu estado como incommodo. Se elle goza, pelo contrario, de uma calma chata, nós dizemos, e desta vez com mais razão; este paz se aborrece.

A acção parece uma lamentavel transição, o reponso parece o fim; e o reponso não vem nunca; porque se elle viesse, isso seria a ultima desgraça. Quando a humanidade houver chegado a seu estado



CRÈME SIMON
PARA
consuvar ou dar
ao rosto
FRESCURA
MACIEZA
MOCIDADE.

Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas da atmosfera, é indispensavel adoptar para a toilette diaria o **CRÈME SIMON**.

Os **PÓS de Arroz SIMON** e o **SABONETE Crème Simon**, preparados com glicerina, a sua acção benéfica é tão evidente que não ha ninguém que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.

J. SIMON, 36, Rue de Provence, PARIS
PHARMACIAS, PERFUMERIAS
e lojas de Cabelleiros.

Descantiar das Imitações.

NINNON DE LEGLOS

escarnea os rugas, que jamais osso macular-lhe a epl derme. Ja passava dos 80 annos e conservava-se joven e bella, tirando sempre os peçoas da sua certidão de baptismo que passava a cara do Tempo, cuja foice embotava-se sobre sua encaudadora physionomia, sem que nunca deixasse o menor traço. Muito verde ainda a via-se abriado a dizer o velho rabugento, como a raposa de Lafontaine dizia das uvas. Este segredo, que a celebre e egoista faceva jamais contara a quem quer que fosse das pessoas d'aquella epoca descobrio-o Dr. Leconte entre as folhas de um volume de *L'histoire amoureuse des gaulois*, de Bussy-Rabutin, que fez parte da biblioteca de Voltaire e actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINNON, MAISON LECONTE, Rue du 4 Septembre, 34 à PARIS.**

Esta casa tem-no a disposição das nossas elegantes, sob o nome de **VERITABLE EAU DE NINNON**, assim como as receitas que d'ella provém, por exemplo, o

DUVET DE NINNON
po de arroz especial e refrigerante

Le Savon Crème de Ninon
especial para o rosto que illupa perfeitamente a epiderme mais delicada sem alteral-a.

LAIT DE NINNON
lue dá alvura deslumbrante ao peçoço e aos hombros. Entre os productos conhecidos e apreciados da **PARFUMERIE NINNON** contam-se:

Os Cabellos Caprosos
que faz voltar os cabellos brancos à cor natural e exist em 12 cores;

SEVE ROUGEURE
que augmenta, engrossa e bruno os peçoas e os super-illia, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar

LA PATE ET LA POUDRE MANODERMALE DE NINNON
para floura, alvura brubote das mãos, etc., etc.

Convem exigir e verificar o nomeo esse e o endereço sobre o rotulo para evitar as imitações e falsificações

PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET
35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA do duque, de principe, por meio da **Pâte des Prêlats**, que embranquece, alisa, assetina a epiderme, impede e destron os frietas e os rachas.

UM NARIZ PICADO de pequenas herbulhas ou com cravos torna a respirar osa brancura primitiva e suas cores lisas por meio do **Anti-Bolbos**, producto sem igual e muito contrafeito.

CUIDADO COM AS CONTRAFAÇÔES

Para ser bella, encantar todos os olhos deve-se servir da **Fleur de Pêche** pó do arroz feito com fructos exóticos.

POUCOS CABELLOS
Fazem-se crescer e cerralos empregando-se *l'Extrait Capillaire des Benedictins du Mont-Majella*, que tambem impede que caiam e que ficam brancos.

E. SENET, Administrador, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

NÃO ARRANQUEM MAIS
os dentes estragados, suide-os e tranqueio-os com *l'Extrait dentifrice des Benedictins du Mont-Majella*.

E. SENET, Administrador, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

Perfumaria extrafina

L.T. PIVER
PARIS

Corylopsis do Japão
SABÃO — ESSENCIA — PÓ de ARROZ — OLEO
LOÇÃO VEGETAL — BRILHANTINA — COSMETICOS

Evitar as Imitações e Falsificações

O Trefle incarnat
L. T. PIVER
Perfume de Moda

Violettes de Parme
SABÃO — ESSENCIA — PÓ de ARROZ
LOÇÃO VEGETAL — BRILHANTINA — COSMETICOS

Leite de Iris L. T. Piver
PARA a JUVENILIDADE e BELLEZA do ROSTO
A melhor o mais hygienico de todas as preparações para o toucador

Dentifricios Mao-Tcha
PÓ — PASTA e ELIXIR

PILULAS DE BLANCARD

APPROVADAS PELA
ACADEMIA DE MEDICINA
DE PARIS

Resumem todas as
Propriedades
do IODO
e do FERRO.

40
Rua Bonaparte
PARIS



Estas Pilulas são de uma efficacia maravilhosa contra a **Anemia, Chlorose** e todos os casos em que se trata de combater a **Pobreza do Sangu**.

KAROPE DELABARRE
(DENTIÇÃO)

Karope sem narcotico recommanadado ha já 20 annos pelas medicos. Facilita a sahida dos dentes, evita na faz a soar os soffrimentos e todos os accidentes da primeira dentição.

Egja-se o Carimbo official e a assignatura Delabarre.

FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Paris
e em todas as pharmacias

PAPEL E CIGARROS
ANTI-ASTHMATICOS
de Bin BARRAL

Recommanadados pelas summidades medicas. Preparações muito efficazes para a cura da **ASTHMA**, das **OPPRESSÔES**, das **ENXAQUECAS**, etc. 15 ANNOS DE SUCCESSOS.

FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Paris
e em todas as pharmacias.

NUNCA APPLIQUE-SE UM VESICATORIO SEM SE TER O
VESICATORIO de ALBESPEYRES

o MAIS EFFICAZ e MENOS DOLOROSO de TODOS os VESICATORIOS
Esta em a assignatura **ALBESPEYRES** no LADO VERDE
FUMOZE-ALBESPEYRES, 78 Faub' St-Denis, PARIS
E AS PRINCIPAES PHARMACIAS

racional, mas então somente, as revoluções parecerão detestáveis e dever-se-lia lamentar o seculo que dellas tiver necessidade.

O fim da humanidade não é o repouso, é a perfeição intellectual e moral. Trata-se bem de repouso, grande Deus! quando se tem o infinito a percorrer e o perfeito

A ESTAÇÃO (supplemento litterario)

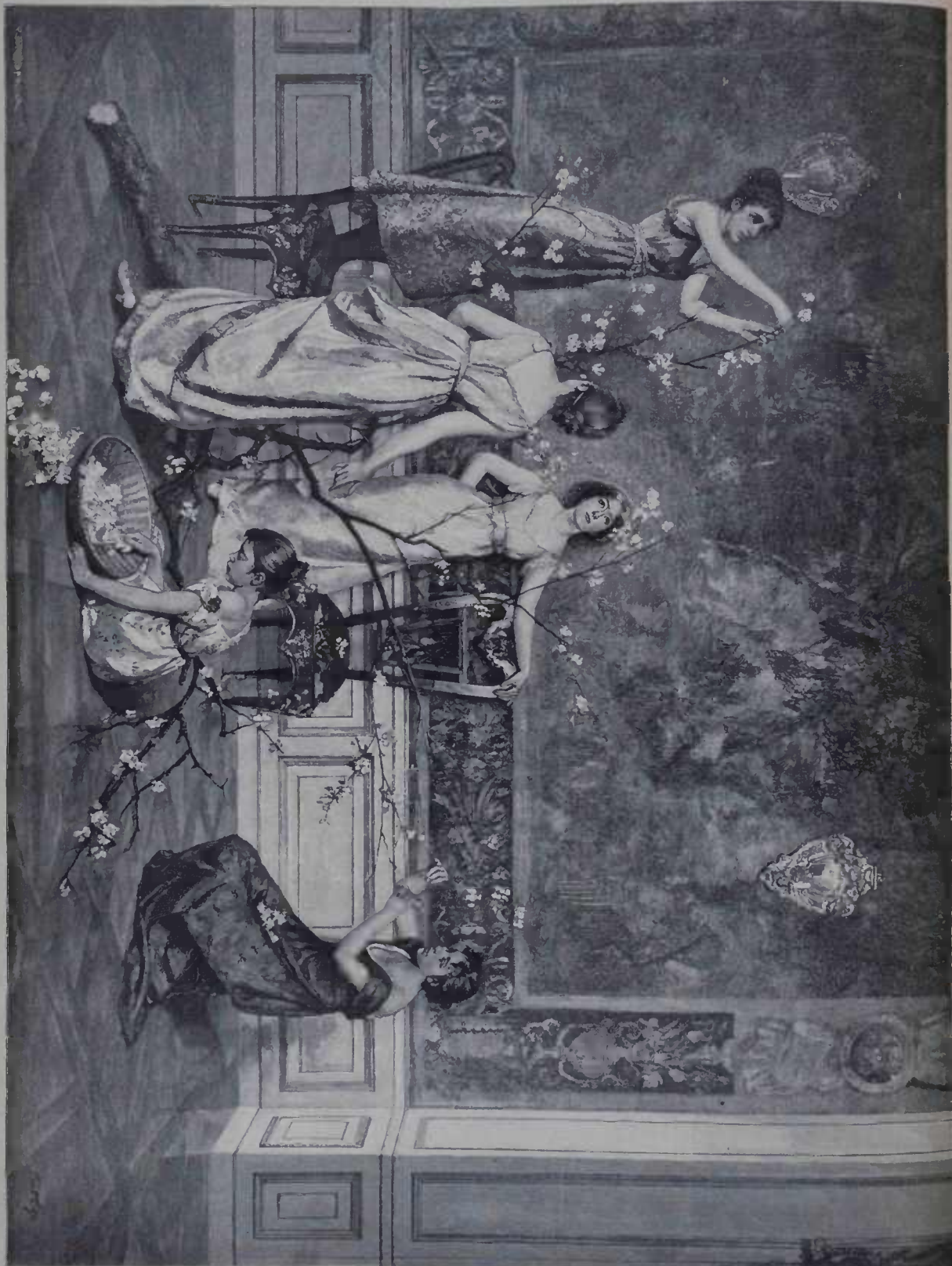
sem repouso á custa do penosamento e de uma minoria opprimida. Neste dia só haveria salvação nos instinctos mores da natureza humana, os quaes sem duvida alguma não falhariam

E RENAN.

embaixador da Russia em Pekim, que procurava formar-se se ainda vive o imperador da China. Consta que o Sr. Giers, depois de muito trabalho conseguiu da imperatriz poder falar com o imperador.

Este recellu o embaixador n'um estado de

PREPARATIVOS PARA A FESTA



a atingir. A humanidade não descansará senão no perfeito. Seria demasiado estranho que alguns profanos, por considerações de bolsa ou de negocio, detivessem o movimento do espirito, o verdadeiro movimento religioso. O estado o mais perigoso para a humanidade seria aquelle em que a maioria se achando á vontade e não querendo ser desarranjada, ma tivesse

O problema da China

Por via de Londres temos conhecimento de um telegramma de S. Petersburgo publicado pelo Times e que envolve certa importancia.

O telegramma diz que o czar ordenára ao Sr. Giers,

tação lastimoso, sustentado por dois servidores. Parece que o seu estado mental não é mais vigoroso.

Segundo certas versões parece confirmar-se cada vez mais a creença de que o joven imperador é victima de um veneno lento, restando-lhe, portanto, pouco tempo de vida.

A situação no Celeste Imperio é cada vez mais

grave. Numerosos funcionarios, inimigos da imperatriz, têm sido justificados por ordem d'ella. Alguns jornalistas presos em ontram-se nos subterraneos da grande prisão de Pekin, enquanto se lhes não instaura processo.

Expõem a cabeça todos quantos censuram o governo da actual soberana.

Segundo noticias directas de Pekin, consta que o ministro de Inglaterra protesta energicamente contra toda a expansão nas concessões feitas á França em Shanghai.

O representante diplomatico da Grã-Bretanha declara não ser possível admitir-se que as propriedades britannicas passem para debaixo da jurisdicção do consul de outra potencia, e a extensão das concessões feitas á França comprehende muitos terrenos que pertencem aos inglezes.

Noticias da mesma origem annunciam que o Tsung-ti-Yaman pedira ao representante de França uma ampliação no prazo marcado para se negociar a liberdade do missionario francez Sr. Fleury, que os rebeldes de Sze-Chuen conservavam em seu poder como prisioneiro.

O ministro da Republica attenden a este pedido; mas logo depois affirmatam alguns periodicos que mousenhor Fleury já havia sido posto em liberdade pelos proprios sublevados.

Affirma-se mais modernamente que os inglezes já obtiveram novas e importantes concessões no norte do rio, em Nett-Chuang.

Ao mesmo tempo annunciou o Celeste Imperio que não faria novas concessões de importancia a Companhia angl-americana de caminhos de ferro, enquanto não tiver começada a exploração da linha e das concessões outorgadas.

O mais curioso n'este caso é que a noticia destas concessões, e incide com a informação de haver o ministro inglez em Pekin protestado, como acima dissemos, contra a idea de ampliar o territorio das concessões francezas em Shangai.

Parece que a imperatriz viuva se prestou afinal a conceder audiencia as senhoras dos sete ministros plenipotenciarios mais influentes na corte do Celeste Imperio.

A imperatriz recebeu com affabilidade aquellas se-lhoras e lady Mac-Donald, esposa do representante de Inglaterra. Foi quem leu a mensagem, felicitando a soberana.

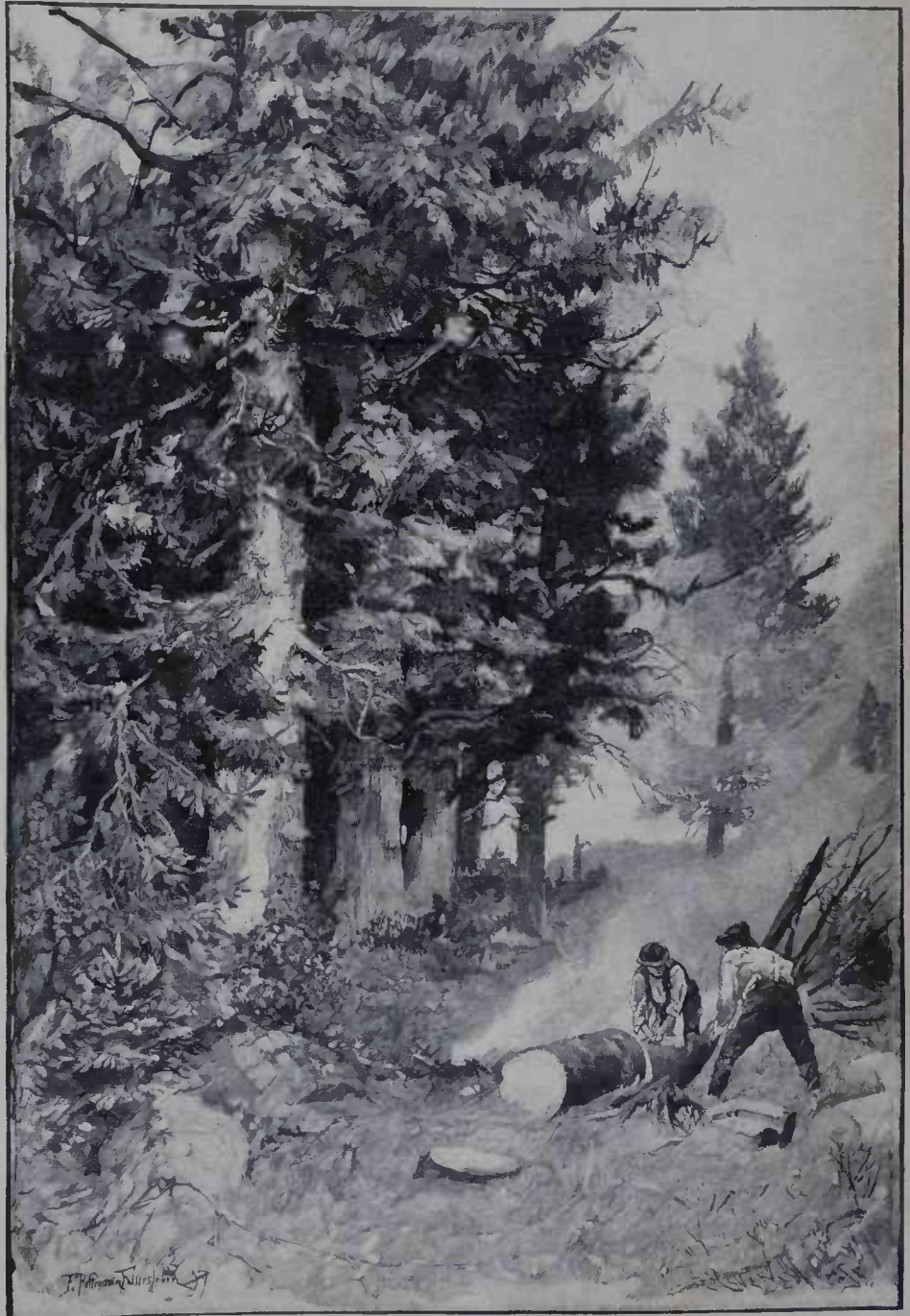
Pensamentos

Uma grande dor, uma grande desgraça, podem forçar-nos a conhecer as contradicções da vontade de viver consigo mesmo, e mostrar-nos claramente o nada de todo o esforço. E' assim que se tem visto muitas vezes homens, depois de uma vida toda agitada de paixões tumultuosas, reis, heroes, aventureiros mudarem subitamente, resignarem-se, arrependem-se, fazem-se monges ou anachoretas. Tal é o assumpto de todas as historias de conversões authenticas, por exemplo, a de Raymond Lulle: um dia uma bella a quem elle amava loucamente, marca-lhe uma entrevista em casa d'ella; elle vai, louco de alegria, mas a bella, entre-abrindo o corpinho, descobre-lhe um seio devorado por um cancro medonho. Desde este instante, como se houvesse entrevisto o inferno, elle se converteu, deixou a corte do rei Henrique, retirou-se para uma solidão e fez penitencia.

A conversão de Rancé se parece muito com a de Raymond Lulle. Consagrava elle sua juventude a todos os prazeres e vivia ultimamente com uma dama de Monbazon. Uma tarde, na hora da entrevista, en-

contra elle a sala vazia, em desorden e no escuro; seu pé toca em qualquer coisa, era a cabeça de uma amante que tinham separado do tronco; ella morrera subitamente e não foi possível metter o cadaver no caixão de chumbo que estava no pé.

Atormentado por uma dor infinita, Rancé tornou-se em 1603 o reformador da ordem dos Trappistas, inteiramente degenerada de sua antiga disciplina; em pouco tempo elle a ergueu a esta grandeza de renome que ainda hoje notamos, a esta negação da vontade, methodicamente conduzida atravez das mais duras provações, a esta vida de uma austeridade, de um labor incriveis, que enche o estrangeiro de um santo horror, quando, ao penetrar no convento, é elle impressionado immediatamente pela humildade destes verdadeiros monges que, extenuados de jejuns, de frias vigílias, de preces, de trabalhos, se ajoelham diante d'elle, o filho do mundo, o peccador, para lhes pedir a benção. E' entre o povo o mais alegre, o mais sensual e o mais ligeiro—não precisamos dizer que nos referimos á França—que esta ordem, unica entre todas, se ha manifestado intacta por entre todas as revoluções e não se pode deixar de attribuir sua duração ao serio profundo que não se pode desconhecer no espirito que a



Metamorphose

(AO ABILIO DE BRITO)

«Não sei, senhora, de onde me veio
Tão ermitânico, melasto amor:
Nasceu-me no árido, aspero seio
Como na pedra brota um flor.»

R. LOPES.

Era-me a vida um sonho doloroso;
Indifferente a tudo quanto existe,
Não conhecia a sensação de um gozo
Na desventura da existencia triste.

Olhava tudo vagamente, e, enquanto
O mundo inteiro, placido, sorria,
Eu tinha o olhar turvado pelo pranto,
E calculava então que não vivia.

Porque sorriam?! porque tanta ventura?!
Onde o conforto desses corações?!
E eu caminhava entre uma noite escura
Cheia de horrores e de imprecações!

Mas, um dia, no meio dessa triste
Escuridão por onde eu caminhava,
Como uma estranha apparição surgiste
N'uma aureola de luz que d. slumbrava!

Vultas trazendo a aurora n'um sorriso,
Pois dissipaste a noite de minh'alma.
E me apontaste um novo paraíso
Onde se frue uma existencia calma.

Inundaste de luz minh'alma; encheste
Meu coração de amor e de alegria!
Vivo agora, depois que appareceste,
Uma existencia que desconhecia!

Fallas, e eu sinto uma alegria estranha:
Ris, e ao teu riso eu encho-me de espanto!
E tens no olhar uma expressão tamanha
Que eu tenho medo até de amar-te tanto!

Quero-te muito e sei que tu me queres;
Tremo de gozo toda vez que dizes
Que és a mais venturosa das mulheres
E que eu serei feliz entre os felizes!

É pequeno de mais agora o mundo
Para conter as nossas affeições:
Occultemos o nosso amor profundo
Dentro dos no-sos proprios corações.

E os soffrimentos, de uma vez acabe-os,
já que me arrancas a existencia louca,
já que trazes cornes presos aos labios
E um punhado de perolas na bocca!

animas e que exerce qualquer consideração secundaria. A decadencia da religião não a attinge, porque suas raizes vem das profundezas da natureza humana muito mais ainda do que de um dogma qualquer.

Desviemos nossos olhos de nossa propria insuficiencia, da estreiteza de nossos sentimentos e de nossos sentimentos e de nossos preconceitos, para lançar os olhos sobre aquelles que veneram o mundo, nos quaes a vontade, elogada a um pleno conhecimento de si mesma, viose em todas as coisas e o genio e a si mesma livremente e que esperam que suas ultimas scientellas se extingam com o corpo que as anima; então, nos vemos, em vez destas paixões irresistíveis, desta actividade seu reposo, em vez desta passagem incessante do desejo ao tenor e da alegria a dor, em vez desta esperança que nada satisfaz e que annua se sacia e se esvane, e de que e feito o sonho da vida para o homem subjugado pela vontade — vemos esta paz, superior a toda razão este grande mar calmo do sentimento, este reposo profundo, esta segurança inabalavel, esta serenidade, unico nicho reflexo sobre o posto, tal como Raphael e Correggio nobis pintaram, é todo um evangelho em que se pode ter confiança: a vontade evapora-se.

O espirito intimo e o senso da verdadeira e pura vida do clastro e do ascetismo é o que quem abraça, se sente digno e capaz de uma existencia melhor que a nossa e quer fortificar e manter esta convicção pelo desprezo de todos os gozos vãos deste mundo. Espera-se com calma e segurança a fim desta vida, privada de seus attractivos enganadores, para saudar um dia a hora da morte, como a hora da liberdade.

Quietismo, isto é, renuncia a todo desejo, ascetismo, isto é, immolação, reflectida da vontade e mysticismo, isto é, consciencia da identidade de seu ser com o conjunto das coisas e o principio do universo, tres disposições d'alma que se mantem estreitamente; quem quer que faça profissão de uma é fatalmente atraído para outra, apezar seu.

Nadi de mais surpreendente do que ver o accedido de todos aquelles que nos pregaram estas doutrinas, atravez da extrema variedade dos tempos, dos paizes e das religioes, e nadi de mais curioso do que a segurança inabalavel como a rocha, a certeza interior, com que elles nos apresentam o resultado de sua experiencia intima.

SCHOPENHAUER.

Dialogo

(SONETO MODERNO)

- Que hello con azul! Quanto me faz scismar
Essé estrellado ceu sereno e voluptuoso!
- Oh! Inda é mais formoso
O anil do teu olhar!
- Que profunda emoção eu sinto em ver o mar
Agitado, em furor, bramindo branco e nudo!
- Inda é mais tempestuoso
Teu seio, a palpitar!
- Como desmaia ao sol o alvo lyno agora!
- Mais a men beijo ardente
O labio teu descora!
- Ah! Si eu pudesse ser amada eternamente?!
- Serás: és a Senhora
Do meu amor, somente.

Niteroy: 1899.

A. AZAMOR

CHRONIQUETA

26 de Janeiro de 1899.

Quando esta chroniqueta apparecer a luz da publicidade, ja estaro ja as minhas ferozes leituras fartas de saber quees são os novos cidadãos mandados pelo povo aos conselhos da Intendencia, para cuidarem do Districto Federal.

Portanto, vem fora de proposito glosar aqui as candidaturas que se tem apresentad, algumas das quaes se me afiguram estapafúrdias, o que não quer absolutamente dizer que o eleitorado as veja pelo meu prisma.

Se ainda houvesse tempo de calanlar, e se as senhoras voltassem, eu poderia a suas excellencias que dêssem o voto a Coelho Netto, um homem de talento, um artista, que, eleito, prestaria grandes servicos a esta infeliz cidade, onde de tudo se cuida menos da arte.

E' de homens assim que precisamos na Intendencia. — homens que levem consigo um nome que seja preciso respeitar, uma reputação que seja necessario zelar. Quem se chama Coelho Netto, não pode sentir se nos conselhos municipaes sem deixar um brilhante vestigio de sua passagem. Ha nomes que são fiances.

Ignoro se o actor de Miragem sera eleito. Duvido que o seja. A sua candidatura accordou um pouco tarde; elle não pertence a nenhum partido, nem mesmo sabe quaes sejam as influencias do seu districto.

Sim, porque, graças a criminosa indifferença do eleitorado, ha em cada freguezia um chefe sem o be-

neplanto no qual não é possivel apañar mehr duzia de votos. Se Coelho Netto for eleito, deve-o haber unicamente a si mesmo, ao prestigio litterario do seu nome, citando a um dos primeiros logares todas as vezes que se faz relação dos nossos escriptores.

Eleições e calor... ahí estão duas coisas que nada têm de agradaveis, e dariam commigo longe, bem longe, não na amplidão celeste mas nas formosas montanhas sul mineiras e neste vale de lagrimas nos fosse dado realizar todos os nossos desejos.

O nosso presidente é tambem de opinião que nesta epoca o Rio de Janeiro é muito bom para ser visto por um occulo, e abalan para Petropolis.

Il uve quem o censurasse lembando lhe que essa mudança de residencia é uma arranhadura na Constituição da Republica Sendo, effectivamente, Petropolis a capital de um Estado, não estou longe de concordar, embora não me pareça que os negocios publicos possam perillar pelo simples facto de não estar dia e noite no Catete o Dr. Campos Salles.

Demais, Petropolis, depois que se arvorou em capital do delicioso Rio de Janeiro, deixou de ser aquelle refugio aonde fugiam as andorinhas de hibernia; burocratisou-se tomou um aspecto de Praia Grande, perdeu completamente a sua velha physonomia. Sem sahir da Capital Federal, o nosso presidente poderia ter aranjado uma residencia tão aprasivel como a de Petropolis. Pois a Tijuca tem alguma coisa que se lhe diga? Não e aquelle, por todos os respeito, um dos sitios mais encantadores do mundo?...

Reflecta o Dr. Campos Salles e para o anno deixe em paz a galocha prisional, o trem de Mauá; fique dentro dentro da Capital Federal, e da Constituição. E' muito agradável, creia, subir nos carros electricos da Tijuca.

Ha dias os jornaes contaram o caso de uma senhora honesta, que se precipitou de um bond de Botafogo para fugir ás perseguições de um conquistador de meia tijella.

Peço encarecidamente ás minhas leitoras que, em situação identica, não sigam o exemplo dessa senhora. Um simples olhar reprehensivo e severo e qual é a dama que não sabe dar nos olhos a expressão que deseja? basta para desbaratar o mais intrepido jelelntra.

Mas, dada a hypothese que o sujeitinho leve a sua avante, levando-se a leitora e peça a protecção dos cavalheiros que se acharem presentes. Não faltarão paes, maridos ou irmãos que deem ao atrevido uma lição de mestre. Esses conquistadores são muito andazes quando encontram uma senhora sosinha, mas se diante delles se levanta uma boa h ngala, ou mesmo um simples guarda chuva, correm como se o proprio Cupido lhes tivesse emprestado as azas.

E o leque? Entre as mil e uma utilidades que tem esse objecto inutil, a maior é, talvez, a de servir, quando é preciso, de instrumento de correção. O proprio Don Juan mudaria de vida, se algum dia tivesse apañado com um leque no rosto.

Tudo, tudo, minhas senhoras, menos atirarem-se de um bond abaixo por causa de um insolente. Em ultimo caso atiral-o a elle! Isso sim!

ELOY, O HERÓE.

THEATROS

Rio 26 de Janeiro de 1899

Mais uma tentativa de arte dramatica: inaugurou os seus trabalhos no theatro Lucinda uma nova companhia dramatica, dirigida pelo actor Ferreira de Souza.

A peça escolhida para a inauguração foi Uma causa celebre, um dos melhores dramaticos do velho D'Enery, e ja muitas vezes representado, ha annos, naquelle meo theatro.

Ferreira de Souza representa com muito brilhantismo o papel de João Renaud, o protagonista da peça, um sargento que é accusado de um assassinato que não commetten, e passa dose anns de grilheta ao pe.

As actrices Adelaide Coutinho e Luetia Ribeiro representaram com talento, e o actor Galvão fez muito boa figura. O actor brasileiro Candido Ferreira, que se estreevau, revelou-se um artista esperancoso.

O publico applaudiu com palmas e com lagrimas. A companhia ensaia a Dama das camélias.

Agradou muito no Apollo a revista a vapor o Baraca, em 3 actos e 2 quadros, escripta por Moreira Sampayo e Acacio Antunes.

A peça tem scenas muito espirituosas, e é bem representada por toda a companhia do Apollo. Promette sustentar-se em scena por muito tempo, e talvez tarde a projectada viagem da companhia a S. Paulo.

A empresa do Recreo, que faz uma reprise dos Sinos de Cornelly, resolveu guardar para depois do Carnaval a revista Gavroche, do nosso collega Arthur Azevedo.

A companhia de zazuella, que estava no Eden Lavradio, deu ja o ultimo espectáculo.

Partiu para o Rio Grande do Sul a companhia dramatica Dias Braga, que, depois de uma estação em Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande, pretende dar

uma serie de espectaculos em Montevideo e Buenos Aires.

E' a primeira vez que artistas brasileiros vão a apresentar no estrangeiro. Nos teriamos toda a confiança nesse ousado empreendimento, se não ha tesse uma actriz á companhia Dias Braga. Não me parece que Helena Cavalier... Emhm

Tres theatros, o Variedades, o Sant'Anna e Eden Lavradio vão ser transformados em bochecha Viva a arte!

Z X. Y.

NOVIDADES MUSICAES

Manoel Antonio Guimarães.

Humoresca, de Gustavo Campos. D. Pedro do Medina, quadrilha de Juca Storoni.

Valsa da Fada, de Juca Storoni. Polka da boneca Papai-Mamãe, de Juca Storoni. Marilua, valsa de C. Dengremont. Jours d'Automne, improvisação de B. Wagner.

E. Bevilacqua & C.

Zellinha, valsa de B. Lavrador. Saudades tuas, mazurka de A. M. M. Guimarães.

Premio as nossas leitoras

Qualquer pessoa que se dirigir ou mandar da parte deste jornal ao sr. J. B. A. Petit 115, Rua do Rosário receberá em troca da quantia de 1 000 um bonnet, estajo contendo um vidrinho de DENTOL, Agua dentifricia tão na moda agora, uma caixa de pasta DENTOL, uma caixa de pó DENTOL e uma escova de dentes.

E' um bonito presente que temos a satisfação de offerecer ás nossas leitoras. Pelo correio 24000.

The Ebert New Gold Crown

PARA AS RAIZES DOS DENTES

A superioridade d'estas são demonstradas pela perfeição do trabalho justa adapção e grande admiração de todos que as tem examinado.

Para mais informações dirijam-se ao Consultorio do

Dr. L. R. Ebert

DENTISTA AMERICANO

Rua dos Ourives, 71 - 1.º andar

ULTIMAS NOVIDADES MUSICAES

Grande estabelecimento de pianos e musicas

EBERTIN DE VASCONCELLOS, MORAND & C.

147, Rua do Ouvidor, 147

- Alceste, polka de M. Pedroza, 1800
Cubana 10ª edição, polka de J. G. Christo 1250
Mercedes, 9ª edição, polka de A. Giannini 1500
Santinha, polka de J. G. Christo, 1200
Loin des yeux, mais près du coeur, habanera de J. M. Perdigão, 1600
Adamastor, 6ª edição, valsa de M. Leroy 1250
Diva 18ª edição, valsa de J. G. Christo 1250
Mais doe uma ingratião, valsa de O. Lacerda 1250
Bem sei que tu me despezias successo 1500
Lossal valsa com letra de A. Keller 1500
Minha querida, successo) valsa de A. E. Costa 1500
Devaneo, valsa de A. Cavalcanti, 1250
Elegante, valsa de Aurelio Avacanti, 1250
Nirvana, valsa de Oscar Carneiro, 1250
18ª edição, valsa de Evorah 1500
Vou pensar, valsa de Amelio Cavalcanti, 1250
Americano, pas de quatre de J. Reis, 1250
Garrula, schottich de O. Lacerda 1250
Grinalda de noiva, schottich de Evorah 1250
Plainte, mazurka de Anna M. de Freitas 1200
Borboletas, quadrilha de E. Couto, 1200

Remettem-se encomendas para o interior

147, RUA DO OUVIDOR, 147

UM VELHO QUE QUER CASAR

COMEDIA EM VERSO, EM UM ACTO

ORIGINAL BRASILEIRO

DR. CARLOS COSTA

(especialmente para crianças)

PERSONAGENS

D. Casimira, Velha.
D. Ludovina, Sans-sobrinhas.
L. Gabriella, Velho.
Pantaleão, Moleque.
Jeremias,

EPOCA — ACTUALIDADE

O theatro representa uma sala modesta.

SCENA I

D. CASIMIRA e depois GABRIELLA e LUDOVINA

CASIMIRA

Ora Deus seja louvado!
Quem espera sempre alcança!
Tenho enfim grã esperança,
De um marido ter achado
Para uma das sobrinhas.
Que elle está enamorado,
Apesar de ser malduro,
E' coisa certa... e o juro
Santo Antonio, o santo anado
Ouviu minhas ladainhas...

(passa, esfregando as mãos contente)

Hoje, tudo se decide...
Ca espero o rapagão...
Das duas para as tres horas
Vejam os... que horas são?

(olha para o relógio)

Pouco falta para as tres.
Eu as vou já preparar
Estou certa... d'esta vez
De uma d'ellas agradar.

(chamando para dentro)

Venha cá, oh! Gabriella
E a Ludovina tambem...

GABRIELLA (entrando com mollete)

Minha tia... aqui me tem

CASIMIRA

E tua irmã? Onde está ella?

LUDOVINA (entrando com um livro na mão sentada)

Esta me chamando, tia?...

CASIMIRA

Oh! Virgem Santa Maria!
Nunca vi tanta moltezã
Foi entrando e se sentando!...

LUDOVINA

Tia, eu estava estudando...

CASIMIRA

Pois fique sentada e me ouça:

(para Gabriella)

Voez tambem venha cá.

GABRIELLA e LUDOVINA (à parte)

Vamos ver o que será... (sentam-se)

CASIMIRA (sem se levantar)

Sabam vosses, que vosso Pac
Quando estava p'ra morrer,
Entre muitas outras cousas, ai! ai!
Que nunca hei de esquecer.
Recomendou formalmente
Que sem minha approvação
Né humo podia casar...
(a Ludovina, que estava desvalida)
Menna preste atenção.

LUDOVINA (corre a abraçar Casimira)

Eu estava ouvindo, meu bem...

CASIMIRA (afastando-a)

Pois um noivo, eu já achei.

LUDOVINA e GABRIELLA (levantam-se)

Eum!!

CASIMIRA

Sim, senhoras e d'aqui ha pouco.
Está ali...

LUDOVINA

E' moço e bonito?

CASIMIRA

Não é moço...

LUDOVINA

Chi!...

CASIMIRA

Um senhor mui respeitavel
Que me foi apresentado...

GABRIELLA

E' homem bem educado?

CASIMIRA

Ilão de vel o — Não se vestir

GABRIELLA

Já eston prompta, pôde vir.

CASIMIRA (para Ludovina)

Mas aquella descuidada
Precisa melhor se arranjar.

LUDOVINA (rindo-se)

Ora, para um velho agradecer
Eu já eston, mais que enfeitada.

(Batem palmas)

CASIMIRA (levantando, eae a porta e chama)

Jeremias! Jeremias!
Cangada! E' isto todos os dias
Podem bater uma hora...

SCENA II

As mesmas e JEREMIAS

JEREMIAS (entrando)

Aqui eston minha senhora...

CASIMIRA

Já foi ver quem está batendo?
Precisa que a gente ouça...

JEREMIAS

Eu estava lavando a louça...

(Batem outra vez)

Agora sim, von correndo...

(são)

CASIMIRA (contente, esfregando as mãos)

Ha de ser elle. E agora vermos
Se vosses terão piço...

LUDOVINA

Minha tia, tudo faremos...

GABRIELLA (brava)

P'rahi contermos o riso...

SCENA III

As mesmas — JEREMIAS e depois PANTALEÃO

JEREMIAS (entrando — da porta)

Um velho magro e comprido
Com a senhora quer fallar.

CASIMIRA (pressurosa)

Já devia ter subido
Ande, ande, mande entrar...

(Jeremias são e logo depois entra um Pantaleão)

PANTALEÃO (entra com mollete empunhado — tipo ridiculo — Ludovina estorpa-se para não vir — Gabriella toma-lhe a chapéu e o beugado)

Minhas senhoras, bom dia...

LUDOVINA (à parte)

Oh! Que cara de cutia!

PANTALEÃO (à parte)

Cada qual é mais bonita!

(Jeremias faz um piço e a um signal de Casimira sai)

CASIMIRA

Senhor Pantaleão, me permitta
Apresentar minha sobrinhas...

PANTALEÃO

Oh! são muito engraçadinhas
E Vossa Excellencia merece...

LUDOVINA (à parte)

Oh! yes!...

PANTALEÃO

O mais sincero elogio

GABRIELLA (à parte)

Estava melhor p'rahi meu tio

CASIMIRA

Pois Senhor Pantaleão...
Eu com ellas já fallei
E a vossa pretensão
As duas apresentei...
Mas resta agora saber...

PANTALEÃO (interrompendo)

Eu dizer...

(Continua)

Os cegos

O Sr. Werbruck, um antigo notavel da finança parisiense, que, retirado dos negocios, vive em Meulan applicando a boas obras a fortuna ganha na sua profissão de banqueiro, acaba de publicar uma obra com o titulo elevadamente altruista de: *Um Ameno os cegos*.

Este livro faz a propaganda para o estabelecimento na provincia, em que a cegueira está desamparada, de moradas especialmente construidas para abrigar cada uma um grupo de doze infelizes privados de vista. Na obra propõe-se os meios praticos para se obter os recursos necessarios á construcção e entretenimento de tais pensionatos, calculando se o seu custo e despezas de sustentação, devendo as receitas ser obtidas por subscrição das crianças das familias abastadas da França, que, das suas *consolas e ameados*, tirarão cada uma 5 francos durante tres annos. Os calculos, baseados na estatística, ha vez para garantir a praticabilidade, e por tanto o successo, do systema proposto.

São as incubações desta especie, são as iniciativas desta natureza que hão de fazer sempre grande e elevada a França e os paizes latinos, sociedades intellectualmente e humanamente das mais grandiosas estaturas, embora ultrapassadas por outras na riqueza material, na força militar ou politica e no engenho e argucia para os segredos do industrialismo e as subtilidades da mercancia.

Porque, nesses outros paizes mais praticos, como se diz, heróis da civilização *fin de século*, as theorias da liberdade individual conjugadas com os principios da economia politica fizeram dos direitos do exclusivo homem de trabalho, negociante ou productor, a divindade que se adora sobre os altares no templo da fortuna. Tudo se reconhece e respeita no individuo menos a qualidade de pobre, de incapacidade para prosperar, por defeito physico ou moral, derivado da força superior da sorte. Com tucs individuos a sociedade nada tem que ver, e por muito favor concede-se-lhes a liberdade de soffrerem como quizerem e podem, com tanto que não incommodem os demais na habitação da sua vida, na agencia da riqueza, que é o seu fim permanente.

Não ha muito que em uma nação dessas, por occasião de festas nacionaes commemorativas do longo reinado da soberania, foram offerecidos milhares de carneiros, prescates de numerosos agricultores, — Em qualquer dos paizes latinos, os asylos e estabelecimentos de beneficencia viriam a ser os naturaes consumidores de taes offrendas. — Lá, foram abertamente vendidos no publico! E perguntando um estrangeiro por que razão não eram antes offerecidos aos estabelecimentos de beneficencia particulares ou do Estado, responderam-lhe que era pela simples razão de taes instituições serem *ais rara* naquella abençoada terra!

Podem, portanto, correr á vontade o mundo as theorias economico-sociaes das nações praticas dos tempos que atravessamos. Póde a França, com o seu proverbial estouvamento, enredar-se em todos os deslizes da questão Dreyfus, precisamente no momento em que é obrigada a retirar de Fashok e podem as nações latinas decahir, como se diz, ante os portentosos obreiros da civilização contemporanea. Enquanto o homem continuara ser lançado pela natureza no mundo tendo como orção mais elevado e mais precioso o coração, no julgamento do espirito da justiça que existe na terra, e no da Justiça Suprema, que existirá em futuras e mais elevadas regiões, os primeiros entre a humanidade, hão de sempre ser estes que se occupam especialmente de bellas obras altruistas, como a do Sr. Werbruck.

Todo o individuo a quem a natureza marcou com uma deformidade, ou privou d'uma faculdade preciosa, e credor da coumiserção da humanidade perleita e integralmente dotada. Mas os cegos então, esses, pelas caracteristicas da sua desventura são, além de tudo, merecedores de especial sympathia. Acha de referir-me a sua desventura, mas, não obstante, creio que a desgraça dos cegos é relativamente menor do que se pensa. Justamente o que torna essencialmente respeitavel e sympathica essa infelicidade, é que no cego ha uma tempera de virtude mais fina do que nos individuos dotados de vista, virtude que se afirma em uma grande força moral para as luctas da vida, e numa santa resignação para suppoitar o defeito que a Providencia lhe deu.

Pela minha parte, rejeitadas vezes tenho notado o bom humor permanente em individuos privados de vista. Não ha muito que, tres dias consecutivos, assisti ao encontro junto da igreja do Loreto de dois cegos, que a certa hora subiam do Chindo, com um que descia pela rua de S. Roque. Aquelles, vinham de braco dado, e um trazia uma bengala de metal com que ia batendo no chão. Assim que o terceiro ouvia o som por tal forma produzido, ainda a alguns passos de distan-

cia, saudava os companheiros na desgraça com um into de espirito; depois paravam, apertavam-se as mãos e cavaqueavam entre risadas estreptosas

A um outro cego, que por ali percorria a cidade, conhecido por grande cão amarelo, felpudo, ouvi casualmente um pequeno discurso consolando uma viúva aflicta com a doença d'um filho, sobrevivida à perda do marido. A moral do cego era excelente; vinha elle a escada em que essa mulher era porteira, saber todos os dias d'uma senhora doente, filha d'uma sua protectora. O breve thema que desenvolveu foi que todos e cada um tem neste mundo desgraça a sofrer, que só com a resignação se podem atenuar: elle tinha que se conformar com a sua quebra, ella com a morte do marido e a provavel herança do mal paterno no filho, como a sua protectora do primeiro andar, que já perdera tambem marido e filho, se resignava com a doença de mais uma filha querida.

A par destas apreciaveis qualidades do coração, as aptidões dos cegos para o trabalho intellectual, artistico, ou profissional são notaveis. A poesia, a musica, os officios de toda a especie tem sido cultivados distinctamente por individuos privados de vista.

Ainda ha pouco a Academia franceza concedeu o premio de virtude a duas irmas cegas de nascença, que fallecendo lhes o pae, modesto lavrador no departamento do Cher, e tendo apenas o arruão da velha mãe doente, recusaram separar-se d'ella e recolher-se a um asylo, dedicando-se pelo contrario a tratar e prover a sua sustentação, accrescentando a toda a labutação interna da casa, que já faziam, a faina agricola que o pae tinha a seu cargo!

«*Quem canta seus males espanta*», diz o rião. Aténese neste mister peculiar aos cegos, de serem a ultima representação dos antigos menestres, cantando ao som da guitarra as trovas populares, ou no que antigamente exerciam, de serem uns arruões dos festejos que annunciavam ao publico, a sorte parece ter querido pôr em evidencia a sua inteira resignação, soffrendo conformados e contentes uma especie de supplicio de Tantal, descrevendo formosos espectaculos, vistos pelo seu espirito mas não pelos seus olhos, ou cantando alegremente os grandes brilhantismos do sol, do campo e das flores, elles para quem as trevas são o meio permanente.

Mas é bem certo que a natureza tudo compensa. As trevas em que os cegos vivem são porventura bem mais ditosas, do que as grandes claridades em que vive o resto da humanidade.

Quantas vezes o sentido da vista não é origem e inspiração de mais ações no homem, quantas vezes não é elle o vehiculo em que a cubia, a soffreguidão de commodidades, de bem estar, de riquezas, caminham arrastando um desgraçado de espirito debil, de uma felicidade relativa a uma completa desventura!

A vista, don por certo precioso, está hoje demonstrado, não é indispensavel para que o homem se instrua completamente e possa exercer as mais altas profissões, ou os misteres em que se requer maior destreza. Nos cegos, o tacto desenvolve-se com uma superioridade, com uma habilidade tão subtil, que realiza verdadeiros prodigios.

Moralmente, a falta de vista tem notaveis compensações. Quantas scenas afflictivas não deparam os olhos nos espectaculos da natureza, como nas scenas das tragedias, dos dramas e até das comedias que a humanidade representa neste mundo? E d'ellas os cegos só tem conhecimento pelas descrições, que são sempre um pallido reflexo da realidade.

E não obstante, a Providencia, como a compensar o cego da falta desse don precioso, que lhe recusou, deu-lhe, por assim dizer, esse estado de contemplação iotina e permanente, em que embora redeado pelas trevas as vistas do espirito se fixam constantemente no mundo da imaginação. O homem dotado com o sentido da vista, se é artista desenhador ou pintor, quando bem quer perceber os detalhes da forma ou os camaliantes da cor, cerra as palpebras, applica a *meta vista*, e pelo contrario, concentra na observação toda a força do pensamento. E se da forma e da cor se transporta para os completos domínios das idéas, se quer embalar-se com a recordação de scenas queridas da sua vida, ou pungentes e dolorosas, que se escondem no passado, ou se quer embriagar-se com esperanças sorridentes do futuro que aguarda a phantasia, então, cerra os olhos completamente, e deixa ir as vistas do espirito *à la dérive*. E nessas occasões, vê como vêem os cegos: vê com os olhos da alma.

ARTHUR LOBO D'AVILA.

A sentinella

Os campos tão alegres quando o sol os vem dourar desde os mais elevados picos dos rochedos até as vastas planícies, que ostentam as suas searas verdejantes, tornam-se tristes e inspiram uma certa melancholia, logo que a chuva vem destruir a obra grandiosa do astro rei. Os proprios passarinhos que o saudam, logo que elle desponta no Oriente, recolhem-se agora nos ramos das arvores, buscando um abrigo que ellas lhe negam, visto as suas folhas terem sido arrojadas ao vento, n'um turbilhão infernal.

Uma folha arrancada pelo vento é a imagem d'alguns homens que desde a adolescência são fustigados pelo destino.

a imagem do proscripto, que em longinquas regiões se junta a emigrações de diferentes raças, seguindo depois, todos elles, o mesmo rumo.

A folha tambem se junta a outras, arrancadas da arvore, como ella, e a vito todas reduzir-se a pó no logar para onde o vento as impelliu.

O inverno vem tirar a poeira aos campos, como a miséria vem roubar as illusões no homem.

A lyra campesina, a penitular guitarra, emmudece quando a tempestade se faz ouvir.

As vozes dos camponezes, que entoavam canções tradicionais, cadavam perante o ribombar do trovão.

Por isso alli n'aldeia, os campones se ajuntavam na arribana, em vez de irem para a era ou para o adro da pequena ermidã, que encimada por uma cruz de ferro, tinha visto desaparecer centenas de gerações, conservando-se no entanto, como uma guarda invulneravel e sempre firme, que era recebia os beijos do sol ou as bategas impetuosas da chuva que a faziam ennegrecer, que lhe roubavam a antiga gentileza, cavando-lhe nas pedras largos sulcos logo preenchidos pela poeira levantada na estrada, pelas patas dos cavallos e pelas rodas dos carros que alli passavam.

Os filhos do povoado, no domingo, reuniam-se na mais vasta casa da aldeia e alli passavam o tempo, sentados sobre molhos de palha já secca, que vinham substituir os feixes de odorifero feno sobre o qual descançavam durante o verão.

As raparigas formavam um grupo à parte, e lançavam olhares demorados, acompanhados de sorrisos, para os seus conversados que faziam outro tanto, como bons amantes que eram. E apesar de toda a tristeza propria do tempo, ali de quando em quando, se ouviam risadas que quasi sempre tinham cõro.

As conversas versavam sobre as colheitas ou sobre algum dos ausentes. De repente ouviu-se do lado da estrada um toque de corneta, que fez levantar, dos logares que se achavam, os camponezes sempre curiosos. Chegaram à porta e viram um regimento, ou antes uma companhia, que se approximava.

Os soldados, carregados com as mochilas, vinham completamente molhados pela chuva que cahia em grandes bategas; e o official commandante do destacamento, voltava-se, de quando em quando, para os seus homens animando-os a proseguirem no caminho, que trilhavam.

Era a força que todos os annos passava pela aldeia, afim de render a da cidade proxima. Os soldados tinham sempre uma casa onde pernhoitavam e que estava perto.

Passavam to los formados, e astin como aborrecidos em frente da porta, a qual sorriam os camponezes e estes ao verem nos todos molhados tiveram para elles algumas palavras de compaixão.

Os rapazes que ainda não tinham cahido nas sortes, como elles diziam, pensavam se um dia lhe succederia o mesmo, aquelles que já tinham sido soldados sorriam, cheios de satisfação, lembrando-se egoisticamente que já mais voltariam aquella faina.

As raparigas tinham nos olhos lagrimas de do, por aquelles filhos do povo que sobraçavam as espinçardas, sem vontade mais por obrigação, e os velhos, ao verem o regimento, olhavam apressadamente para os filhos que lhe sorriam.

Um dos camponezes voltou-se para os companheiros e disse-lhes:

— Oh! rapazes, vale alli o filho da tecedeira!

— E' verdade, responderam todos em cõro e olhando para um soldado, que os encarava tristemente, marchando sempre e pretendendo, como os camaradas, conservar um aspecto marcial.

O regimento já passava e os campones tinham-se recolhido novamente, commentando a chegada do seu quarterneo. Um d'elles sahio a avisar a mãe do soldado e outros continuaram a conversar sobre o assunto.

Entretanto o destacamento chegava a casa, onde costumava descansar, e iam collocar-se as sentinellas.

A chuva continuava a cahir e o official quiz que um homem ficasse guardando a porta do improvisado quartel, dispensando os outros do serviço que costumavam fazer ao chegarem as aldeias.

Foi nomeado o primeiro vigia e coube a sorte aquelle rapaz a quem os camponezes chamavam o filho da tecedeira.

É aquelle homem, que tinha alli a dois passos a mulher que lhe dera o ser, não podia afastar-se do seu posto e correr para junto da mãe idolatrada a qual já não beijava havia dois annos. E a noiva, a rapariga mais formosa d'aldeia, que lhe teria succedido? Oh! como elle desejava correr para a casa onde ella habitava e estreital-a nos braços!

Mas lá estava o dever; a lei militar, que o obrigava a conservar-se no seu posto, esmagando-lhe o coração e o sentimento no intimo do peito.

Um revoar de pensamentos lhe accudiram ao cerebro e o joven soldado sentia vontade de abandonar a espingarda e correr para a casa onde tinha visto pela primeira vez a luz do dia.

A noite, neste d'inverno, sem estrellas e sem lua, fazia o estremecer; os rumores que vinham lá d'aldeia, faziam-lhe saudades.

Neste instante viu que algem se approximava e olhou. Um vulto caminhava em direcção ao posto. Era uma mulher; o coração do soldado bateu-lhe apressadamente no peito. Reconhecerã sua mãe. Abragala, seria um instante, pensava elle, mas a disciplina ligava o ao seu logar e não pronunciou uma unica palavra. A velha já tinha ouvido contar as obrigações d'uma sentinella, e apesar de ter reconhecido o filho nada lhe disse. Recolheu-se n'um portal e ficou-o cou-

templando. Enquanto um cumprira o juramento de fidelidade à sua bandeira, observando rigorosamente os seus deveres, e não se importando com os rigores do tempo; a outra, a mãe, aquella que cousa alguma jurara, velava pelo filho. Um era a sentinella por obrigação, a outra era tambem uma sentinella, por um impellido pelo amor maternal.

E quando o dia vinha rompendo, as nuvens pardas cõtinuavam a affirmar a tormenta, os soldados vieram substituir o seu camarada.

Foi só então que a mãe estreitou nos braços, n'um amplexo, onde lá toda a sua alma, o filho querido, o soldado.

As primeiras palavras do militar, passados os primeiros transportes, foram as seguintes:

— E a Margarida?

A mãe não lhe respondeu logo, e tomando-o por um braço levou-o até a casa. Uma vez alli, naquelle logar que lhe recordava o passado, a boa velha tomando a cabeça do filho nas mãos contou-lhe a verdade. E que horrivel ella era, a noiva, a mulher que o soldado amava, casara com outro.

Cheio de colera, o militar, ia a sahir de casa e correr em direcção à morada da mulher que o traíra, e que esquecera os seus juramentos d'amor.

Porém neste momento passava junto à porta uma rapariga, trazendo no collo uma loura criancinha. A velha apontou para a recémchegada e à vista do soldado dirigiu-se para alli.

Ficaram ambos em contemplação um do outro, e os seus olhares diziam mil coisas, representavam uma aciedade sem nome.

Reconhecera a antiga namorada e ficou perplexo.

Ficou pensativo durante alguns instantes e de repente correu para a mulher, como se desejasse abraçala. Deteve-se a meio caminho, a mulher queria retirar-se mas sentia-se ligada ao solo.

Coube então a vez ao filho da tecedeira, de avançar mais alguns passos, indo depor um beijo na face do innocente que estava ao collo de sua mãe, a antiga namorada d'aquelle homem que o acariciava, e que se retrava rapidamente. O beijo foi o perdão do soldado.

D'ahi a dias o regimento deixou a aldeia, e do alto do monte os camponezes agitavam os seus lenços em signal de despedida aos soldados.

E o filho d'aquelle povoado, marchando no meio dos seus camaradas, sentia as lagrimas correrem-lhe pela face e; voltou-se e viu entre todas aquellas mãos que lhe dirigiam um adeus, a mão descarnada da velha, que elle tantas vezes beijára, e as lagrimas cahiram então em torrentes.

E a mãe da pobre mãe erguia-se ainda dizendo ao filho um adeus e como a enviar-lhe a bênção; porém, quem sabe se o soldado não desejaria antes distinguir outra mão mais formosa, a da sua antiga noiva, que lhe acenasse tambem n'uma despedida; porém, essa mão pertencia a outro e o pobre soldado lá continuava a sua marcha no passo da ordem, e afastando-se da sua terra natal.

A disciplina afastava-o no seu jugo de ferro e elle sentia que devia obedecer, recordando-se que em vez do filho da tecedeira era apenas um numero.

FRANCISCO MARTINS (TRATIN).

COLLETES
DE
Mme. Camille Dupeyrat
113 RUA DO OUVIDOR 113
RIO DE JANEIRO

Os colletes privilegiados de Mme. Camille Dupeyrat são os únicos proprios para a moda actual, offerecem sobre os demais colletes as vantagens seguintes:

Alonga e adelgaza o talhe, augmenta os selos ás pessoas pouco favorecidas; faz desaparecer a barriga, deixando, porém, os quadris e A CAIXA THORACICA completamente livres, o que permite apertar impunemente, tendo mais a grande vantagem de ser excessivamente leve e mo ter barbotans do lado que difficilite os movimentos, e recommenda-se, sobretudo, pela sua grande duracao, sem precisar de concertos, conservando a primitiva forma até o completo uso.

Para dar uma idéa da sua superioridade, basto dizer que entre todos os fabricantes de colletes que concorreram n'uma grande exposicão de Chicago, foi a casa de Mme. Camille Dupeyrat que obteve a UNICA e a mais ALTA RECOMPENSA o que muito honra a industria nacional.

DEPOSITO EM S. PAULO: Km casa de Mme. A. PERAL
38 Rua Direita 38

MOLDES CORTADOS
TAMANHO NATURAL

N. 29. — Manga 500. Pelo correio mais 300.